

**Apontamentos da Assembleia dos professores de Comunhão e Libertação da Lombardia
com Julián Carrón
Por vídeo conferência, 20 de novembro de 2020**

Francesco Barberis. Boa noite a todos e obrigado ao Julián por ter aceitado imediatamente o nosso convite. Aquilo que estamos a viver – com a pandemia, as escolas fechadas, as aulas online, a impossibilidade de nos encontrarmos pessoalmente – é um tempo especial, cheio de desafios e de dificuldades, mas também cheio de surpresas inesperadas. Sentimos como uma grande dádiva o facto de podermos estar aqui contigo, Julián, porque a tua presença recorda-nos que a paternidade é um ato presente, que nos é oferecido agora. É daqui que nasce toda a minha gratidão.

Francesca Zanelli. Nem sequer agora o Mistério nos impede a possibilidade de estar em relação com Ele, aliás, mais ainda, porque nos faz viver uma circunstância que nós não desejámos, que não procurámos, diante da qual somos levados a perguntar: mas o que é que ainda há de novo a descobrir no confinamento, nas aulas online? Cada um de nós, quando estive disponível para isso, conseguiu reconhecer, partindo da vida, factos, pessoas e relações que nos eram persuasivas e que nós, esta noite, queremos olhar e ajuizar com a ajuda do Julián. E queremos ajudar-nos a olhar também para todas as perguntas que surgiram, que a realidade deste início de ano suscitou em nós e nos jovens. Leio a ordem do dia: «Neste período, também à luz da Jornada de Início de Ano que foi proposta a todo o Movimento e à luz da Jornada dos Liceus, o que é que nos ajuda a viver no quotidiano, o que é que nos faz estar diante dos jovens? O que é que pode suscitar vida neles?».

Muitas vezes, em momentos como este, quando nos encontramos entre adultos para falar da experiência dos Liceus, sinto algumas dificuldades, porque me parece que não vem ao de cima qual é a proposta única e original de uma experiência como os Liceus. Vou tentar explicar-me melhor. Parece-me que muitas vezes contamos uns aos outros muitas coisas bonitas, mas que poderiam ter facilmente acontecido sem a experiência dos Liceus, só por força do caminho que cada um, pessoalmente, faz em relação à sua vida e à sua vocação. Que fique claro, é fundamental que exista este caminho dentro da relação com o Movimento, mas a impressão que tenho é a de que nos detemos aqui e não entramos no concreto da proposta que um lugar como os Liceus oferece. Corre bem o momento da aula, o que acontece com um determinado miúdo em vez de outro, mas aquilo que estou a descobrir é que a surpresa maior é dar-mo-nos conta, dentro das dificuldades, na luta de todos os dias, de que há rostos que, inexplicavelmente, voltam a ser aquela carne, aquele Deus encarnado de que também falava o Azurmendi; mas eu perco-me sem um lugar que me ofereça a possibilidade dum trabalho e duma companhia diante daquilo que me acontece na vida. Sem um lugar assim, sem reconhecer e colocar diante de todos a verdade deste lugar – não a minha, mas a minha verdade em relação a este lugar –, eu não poderia fazer aquilo que faço todos os dias quando vou dar aulas ou quando estou com os Liceus; seria profundamente desleal quer para comigo, quer para com os miúdos, porque só lhes iria propor um afeto ou um consolo momentâneo. Por isso, queria pedir-te se me ajudas um pouco a perceber como nos podemos ajudar uns aos outros para partilhar e levar por diante juntos o caminho dos Liceus. Obrigado.

Julián Carrón. Deixamos a questão em aberto, não porque eu não queira responder, mas porque é uma pergunta que me parece que diz respeito a todos. Como é que vivemos este momento juntos? Prefiro que comecem vocês a responder, vendo o que surge da experiência que fazemos, para que este encontro não seja uma “lição” minha, mas a partilha de uma experiência, porque aquilo que ele disse parece-me fundamental. Alguém tem alguma coisa a dizer?

Neste período obviamente difícil para nós, sobretudo para os jovens dos Liceus, estão a acontecer coisas bonitas. Vejo pontos de luz, de modo particular naqueles jovens que estão mais ligados a nós e entre eles. Poderia fazer uma lista de factos. No entanto, preciso de uma ajuda, porque, a meu ver,

o clima geral tem uma conotação diferente: vejo tanto sofrimento à minha volta, em particular vejo tanta destruição. É facilímo, de modo particular por parte dos jovens – não só dos Liceus, mas de modo geral nos meus alunos –, desligarem-se; há muita solidão que leva a um fechamento preocupante de muitos miúdos (é mesmo uma falta de abertura) e há também muito sofrimento. Estou a pensar em muitas raparigas que estão a ficar anoréticas, jovens que vivem em famílias desfeitas ou em grandes dificuldades e os lutos que estão a fazer sofrer tantas pessoas que conheço. Diante de tudo isto, eu sinto-me incomodada, sinceramente, ainda mais porque a impotência de tudo isto é como que multiplicada num momento assim. Não posso dizer, com total lealdade, que me sinto abandonada ou que alguma vez me senti abandonada na minha vida, nem nos momentos de maior dificuldade, nem quando estava sozinha, porque havia sempre uma relação. Também em relação ao que dizia a pessoa que acaba de intervir, dou-me conta de que é verdadeiramente vital ter um lugar que faça uma proposta e parece-me que hoje é difícil, não tanto para mim que tenho a sorte de estar num contexto como este, mas para tantas pessoas que conheço e que é difícil alcançar. Por isso queria pedir uma ajuda.

Carrón. Quando falas de pessoas que conheces, a quem te referes? Aos colegas, aos jovens, ao contexto educativo em geral? Pergunto-te simplesmente para perceber.

Penso sobretudo nos muitos jovens que conheço. Agora só estão contactáveis através dos meios tecnológicos, que graças a Deus existem, mas que não me parecem ser suficientes porque basta desligar o telefone durante algum tempo, não comparecer na aula e acabam por se ferir a si mesmos. Por isso isto incomoda-me e não sei como agir.

Carrón. Outros?

A propósito dos factos de que falavas, a mim está a impressionar-me muito a Escola de Comunidade sobre o ponto do «antes não via e agora vejo» e sobre o facto de que entre este antes e este depois há um facto. Pensando também naquilo que dizia a primeira intervenção, o que me está a ajudar muito é tomar iniciativas com os outros adultos que acompanham os Liceus, estar com eles, contar o que me acontece e perguntar o que lhes está a acontecer a eles nas suas Escolas de Comunidade de jovens. Queria dar um exemplo do que acontece quando nos damos conta destes factos – que não são apenas coisas bonitas – que nos mudam, que mudam precisamente aquilo que somos. Um rapaz, na Escola de Comunidade dos Liceus que acompanho, disse que quando ouviu o Azurmendi falar das escolas do Movimento em Espanha – onde se via que a preocupação dos professores não era ensinar, mas educar e que este educar queria dizer amar –, sentiu um choque, porque ele andou numa escola do Movimento e não se sentiu amado, sentiu que foi muito mal tratado, e foi para uma escola pública para fazer os últimos anos do liceu. Depois de ter ouvido o Azurmendi, teve de ficar de quarentena durante duas semanas sem ir à escola, e quis ver o que dizia o Movimento sobre a educação, por isso foi ler o Educar é um risco porque o seu pai o tinha em casa, e também porque tinha visto os professores da escola do Movimento lerem muito este livro. Em suma, estava um tanto curioso. Leu o livro e disse que fez uma descoberta: «O ponto é que eu pensava que ser amado queria dizer fazer aquilo que me apetece, mas don Giussani diz que educar é introduzir à realidade. Aquela escola ensinou-me a amar o conhecimento, não no sentido das várias matérias, mas no sentido da realidade, por isso é verdade aquilo que diz o Azurmendi; e isto faz-me estar grato pela escola onde andei e onde cresci e é estranho que isto aconteça apenas poucos meses antes de terminar a escola. Agora percebo o que quer dizer amar». Isto impressionou-me muito, porque foi exatamente ver um exemplo daquilo que dizia o Azurmendi: «Antes não via e agora vejo», um facto que mudou totalmente a sua história e lhe permitiu olhar de outra maneira para a sua história.

Carrón. Isto dá algum início de resposta?

Queria contar duas coisas, uma que aconteceu nas aulas e outra nos Liceus. Há duas semanas vi um vídeo dum senhor de 81 anos, queridíssimo, que, como não podia visitar a mulher, doente no hospital há um mês, vai para o pátio do hospital, senta-se debaixo da janela da mulher e toca o seu acordeão, faz-lhe uma serenata de uma hora. Impressionou-me imenso, e perguntei-me porquê: porque é

alguém que consegue ser livre mesmo dentro de todas estas regras, não infringiu nem sequer uma delas, mas conseguiu o que queria, e depois pela fidelidade do amor, pelo que se percebe bem o desejo de ir visitar a mulher. Então pensei: amanhã proponho o vídeo aos miúdos que, claro, têm imensas perguntas sobre como serem livres dentro das regras estando em casa. Apresento-o numa turma em que uma aluna reage negativamente a qualquer coisa que eu faça. Ela vê-o e no fim diz: «Prof, eu também quero isto!». E eu: «Perfeito! É exatamente este o ponto: aquilo que vimos é desejável». Impressionou-me porque ela fez a mesma operação que eu fiz, ou seja, usou o coração para ajuizar aquele vídeo. Esta era a primeira coisa. Desde aquele momento, ela começou a estar muito disponível para o que quer que fosse, desde as correções do seu trabalho até àquilo que eu propunha. Então vinha-me à cabeça a pergunta da ordem do dia de hoje: o que é que gera vida, também na cultura, que afinal de contas é o que fazemos na escola? Quando nós chegamos, dentro daquilo que fazemos, à comparação com o ponto inflamado que há em nós e depois o oferecemos, permitimos-lhes fazer com muita facilidade uma comparação com o ponto inflamado que também existe neles. Em relação ao Raggio, queria contar que no outro dia fiquei de boca aberta, porque dei-lhes a ver os últimos minutos do vídeo do Azurmendi; estavam lá também três miúdos que não sabem nada da Igreja, do Movimento. Eu fazia perguntas do tipo: «Parece-vos uma boa ideia, se veem alguma coisa boa, alguém que faz alguma coisa surpreendente, correspondente, irem procurá-la?». Estava à espera de reações complicadas, e em vez disso eles disseram-me: «Prof, mas é claro! Que pergunta é essa? Obviamente». Todas as passagens que nós reconquistámos na Escola de Comunidade de facto, para eles, eram muito simples. Impressionou-me e pensei: «Hoje eles devolveram-me aquelas passagens». Para mim é muito surpreendente (e é uma experiência destas últimas semanas) que ao fazer o Raggio com eles é como se reconquistasse o ponto do caminho para mim.

Não sei se respondo à pergunta sobre o “lugar” que foi feita antes. Nestes dias estou mesmo muito cheia de factos, ainda que muito dolorosos. Tento contar brevemente dois. Tenho uma aluna que chumbou e que eu ainda não vi, a não ser apenas por trinta segundos quando ligou a webcam porque eu propus fazer uma sondagem. Ligou-se como ouvinte e não lhe perguntámos nada. Mas no outro dia, durante uma aula, não resisti a perguntar-lhe alguma coisa, parecia-me absurdo não a envolver, por isso tentei fazer-lhe uma pergunta e ela entrou em crise total. Então enviei-lhe um mail: «Desculpa se tentei chamar-te, mas tenho mesmo vontade de me envolver nesta aventura contigo». Ela respondeu-me agradecendo-me: «Eu não vejo a hora de sair desta situação». Tenho uma outra aluna que conheço há anos. Nestes dias, falou-me das dificuldades que vive na família, porque não se sente compreendida. Então fiz uma tentativa, escrevi aos pais agradecendo-lhes porque ela é mesmo fantástica e contei-lhes algumas coisas pelas quais lhe estou muito grata; hoje responderam-me agradecendo-me por seu turno, dizendo que é um bem também para eles. Também eu, como a amiga que interveio antes, vejo muitas situações dolorosas, mas cada vez menos tento fugir-lhes, é como se isso pusesse dentro de mim um ímpeto para encontrar estes jovens e estes pais. Isto é o que eu vejo. Por outro lado – e é aqui que está a minha pergunta –, impressiona-me que, por sua vez, falando com os jovens dos Liceus, parece sempre que nunca acontece nada na realidade deles, parece sempre tudo morno e que não têm perguntas, ou no máximo que tudo é difícil, que a escola é uma porcaria e que não há nada. Eu fico continuamente ferida pela realidade, para o bem e para o mal, e no entanto tantas vezes, com os jovens dos Liceus, com quem não existe uma familiaridade como com os meus alunos que vejo tantas e tantas horas, parece-me que tenho de reconquistar tudo de cada vez, como se no Raggio voltássemos à estaca zero.

Carrón. E então como é que te safas?

Como é que me safo... Estou a fazer um pouco como com os meus alunos: por um lado, só posso levar aquilo que eu vivo, contar aquilo que eu vivo e que me impressiona. Por exemplo, a uma rapariga que vive perto de minha casa, hoje disse: «Fui fazer as compras, estou praticamente diante da tua casa, vá lá, desce por um bocadinho» e trocámos dois dedos de conversa; ou então tento ligar-lhes. Tento oferecer-lhes o que me acontece a mim.

Os meus jovens não estão de todo mortos, aliás estão muito vivos e hoje jorraram as perguntas, como sempre.

Carrón. Os teus alunos ou os miúdos dos Liceus? De quem é que estás a falar?

Dos miúdos dos Liceus, mas muitas vezes são meus alunos, quase todos. Tenho uma pergunta sobre o que aconteceu hoje no Raggio: como é que se faz para não ficarmos no plano sentimental? Porque muitas vezes no Raggio parece-me sempre que muitos deles exprimem um mal-estar: «Estou triste», «Tenho dificuldades». Como ajudá-los a fazer um trabalho sobre isto? É também um problema meu, por isso coloco a questão, porque muitas vezes é também a minha dificuldade.

Carrón. Estão a ver? Na minha opinião, isto é fundamental, porque a primeira dificuldade é nossa. Pelo que no fim sentimo-nos mal, como dizia uma intervenção anterior, percebendo toda a nossa impotência. Na Escola de Comunidade eu dizia que a autoridade é o lugar onde a luta para afirmar e verificar que Cristo é a resposta às exigências do coração é mais límpida e mais simples; e esta luta joga-se acima de tudo em nós, não nos outros. Por isso não podemos comunicar nada se não participarmos nesta luta; a vida, com efeito, não nos é poupada, e não é que nós, como tantas vezes pensamos, tiremos as respostas da cartola. Isto não é automático, e quem pensa que as tem, então que as tire cá para fora.

Portanto, paradoxalmente, esta situação é o primeiro dom para nós, porque nos ultrapassa por todos os lados. Quem de nós não é sentimental quando vê certas coisas? E quem é que não se sente mal quando não se sente à vontade? Tudo aquilo que vemos nos jovens diz respeito em primeiro lugar a todos nós. Por isso, se uma pessoa não verifica na sua própria pele o que é que serve verdadeiramente para viver, será difícil que tenha alguma coisa para oferecer aos jovens. E a primeira coisa a oferecer – independentemente do resultado e do tempo que será necessário – é estarmos lá, como dizia Pasolini: «Se alguém [...] te tivesse educado, não o poderia ter feito senão com o seu ser, não com o seu dizer» (P.P. Pasolini, *Lettere luterane*, Einaudi, Turim 1976, p. 44). Não se educa com discursos, educa-se com o estar, se o nosso estar diante deles oferece uma resposta, como dizia quem interveio primeiro: ainda que o outro não o perceba ainda, estamos a oferecer uma resposta. Como dizia a amiga que falou na Escola de Comunidade na passada quarta-feira: durante anos pensava que não estava a fazer nada pelo filho porque ele continuava a arranjar sarilhos – como acontece também connosco: quem não os arranja que levante a mão! Quem não decai? Quem é que não participa no mesmo drama dos jovens? –. Foi por isso que eu disse que a verdadeira questão somos nós: percebo muito bem que quando uma pessoa vê toda a destruição de que falaste, o desligar-se dos jovens, parece que todas as nossas tentativas são um falhanço. Isto diz-nos respeito, não podemos evitar fazer as contas: é impossível recomeçar depois dum dia muito difícil como se não tivéssemos visto aquele vazio e aquela destruição. O ponto é se entre a última hora de aula de hoje, com tudo o que aconteceu, com todas as feridas que vimos, e amanhã de manhã acontece alguma coisa que nos volte a pôr nos trilhos, independentemente do sucesso ou não das nossas tentativas. Porque a verdadeira luta não se resolve tanto em ver o resultado daquilo que fazemos – isso acontecerá quando acontecer, não está nas nossas mãos – porque estamos a interagir com a liberdade de outra pessoa, não com um mecanismo, como se fosse alguma coisa que nós fazemos, carros ou electrodomésticos; estamos a dialogar com o coração de outra pessoa e com a liberdade de outra pessoa, tal como Deus está a interagir connosco e com a nossa liberdade. Então o que significa para nós ver que em tantos jovens parece que nunca acontece nada? Como é que isto nos desafia? E o que quer dizer, quando temos sucesso com eles, que Jesus nos diga – como disse aos discípulos –: «Não vos alegréis com isso, alegrai-vos, antes, por os vossos nomes estarem escritos no Céu»? Nem mesmo quando as coisas correm bem isso pode bastar para enfrentar o dia seguinte. Então, a primeira coisa que, na minha opinião, é útil fazer é reconhecer que os primeiros a serem desafiados por esta situação somos nós. Por isso gosto tanto – e assim voltamos sempre ao ponto – daquilo que diz *don* Giussani e que escolhi como título do livrinho sobre a educação (J. Carrón, *Educação. Comunicação de si próprio*, Lisboa, Lucerna) porque sempre me impressionou, ou seja, que «a educação é uma comunicação de si próprio» (L. Giussani, «Viterbo 1977», in Id., *Il rischio educativo. Come creazione di personalità e*

di storia, Sei, Torino 1995, p. 84). Podemos conseguir explicar-nos mais ou menos, fazer mais ou menos iniciativas, mas a verdadeira questão é que tu trazes a proposta estampada na cara, ou então não me interessa, percebem? Porque no livro que leu o rapaz de que falou a nossa amiga, *don* Giussani sublinha que a proposta está encarnada na autoridade do educador («A autoridade é a expressão concreta da hipótese de trabalho»; *Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006, p. 84); senão, do que é que estamos a falar? A proposta fez-se carne e portanto é ali, nas circunstâncias, que tem de se tornar presente. Se enquanto enfrentamos a experiência educativa não se gera o meu eu, se não reconheço que o Mistério não me poupa o desafio para me gerar nesta circunstância, eu não posso fazer uma proposta aos jovens. A questão é se, numa situação como aquela que descreveste, podes voltar a dar aulas amanhã de manhã com a esperança estampada no rosto. Mas para a trazeres estampada no rosto, é preciso primeiro que a vivas nas tuas entranhas. Não podes fazer um teatrinho diante dos jovens, como uma boa atriz, a proposta deve jorrar do fundo do teu ser. Podemos fazer o teatrinho uma vez, duas vezes, podemos fingir e distraí-los, mas com o tempo isso não resiste. Ainda bem que não resiste! Ainda bem que não resiste, caso contrário ser professor ou educador queria dizer ser ator de teatro. Ainda bem que não resiste, caso contrário começaríamos a viver apenas no fim da hora de aula (ou seja, depois de ter recitado um papel), não enquanto fazemos tudo; só começaríamos a viver, a crescer e a educarmo-nos quando terminasse o nosso trabalho na escola. E não é assim, deves começar a viver enquanto estás na escola, caso contrário 99,9% do tempo seria inútil. A circunstância não é um obstáculo a ultrapassar para poder começar a viver, mas é o caminho para viver, para aprender a viver. A vida é vocação, é caminhar para o destino através de circunstâncias que não somos nós a escolher, graças a Deus. Se não fosse assim, não poderíamos compreender o alcance da proposta cristã, mesmo que repetíssemos continuamente o “verbo”, o discurso, a palavra certa, e acabaríamos no nada. Ainda bem que o “verbo” não basta. Digo-o sinceramente: ainda bem que o “verbo” não basta!

Francesco Barberis. Há uma pessoa cujo microfone infelizmente não funciona e então escreveu: «Quería contar que, diante das dificuldades das aulas online (eu ensino numa escola profissional), redescobri a riqueza da nossa história, porque convidei os meus colegas para o *Angelus* da manhã e alguns acolheram o convite de começar assim o dia juntos; está a mudar até a nossa forma de nos olharmos e de fazermos companhia uns aos outros. Eu própria entro nas aulas com o desejo de que os jovens que tenho à minha frente encontrem aquilo que me aconteceu a mim e que vejo voltar a acontecer em alguns dos nossos jovens que estão a seguir de forma simples e incrível a nossa amizade; as suas vidas estão a florescer num tempo tão difícil. Assim, invento de tudo: verificações em grupo, aulas separadas e dou por mim cheia de desejo e livre do resultado».

Sobretudo as últimas coisas que dizias, Julián, pareceram-me muito bonitas porque muito descritivas, desde o professor ator de teatro, sempre muito hábil em safar-se, até ao palavroso. A mim surpreendeu-me muito...

Carrón. Sobretudo porque fazendo isso acabamos no nada mais nada, porque se nos bastasse isto podíamos poupar o trabalho de viver.

A mim aconteceu-me uma coisa na verdade tão simples que pouco mais é do que banal, abaixo do nível da banalidade. Na última assembleia de professores, a geral, na qual participei – como noutros momentos – de forma não óbvia, mas bastante distante, não sei se foi o Pigi ou o Francesco, disseram qualquer coisa sobre ti e sobre uma coisa que de alguma maneira testemunhavas sobre o tema das assembleias online. A essência do discurso era esta: o Carrón nem sequer considera isto um tema. A assembleia acabou e em alguns aspetos não retive nada daquilo que foi dito, mas nos dias seguintes – muitos, não sei sequer quantos – aquilo que tinham contado de ti “trabalhou” em mim, e permiti-me dar-me conta que há meses que a proposta do Movimento, as palavras sobre as quais dizemos que trabalhamos ou os momentos de encontro eram essencialmente uma forma, e tudo aquilo que acontecia na aula estava ligado à minha inspiração e à minha habilidade. O impacto daquelas palavras intrigou-me, porque me dei conta de ser totalmente determinado por aquilo que considerava insuficiente: as análises, as avaliações, as considerações, muito verdadeiras, de que a escola online

não é escola. Por isso a forma com que eu, de facto, ligava o vídeo e começava a dar aulas mais ou menos giras, era determinada pelo pensamento de que, de qualquer maneira, estamos numa situação infeliz. Entusiasmou-me aquilo que contaram sobre ti e permitiu-me nos dias seguintes que me voltasse a colocar em movimento, no caminho. E assim, retomando O brilho dos olhos, muitas coisas que tinha lido de forma óbvia e com distração ganharam vida. A coisa que mais me entusiasmou foi quando, no capítulo sobre a relação com o Pai, comentando o trecho do Evangelho citado n' A conveniência humana da fé: «Desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade daquele que me enviou é que eu não perca nada daquilo que Ele me deu», tu dizes: «Que eu não perca nada! Jesus referia-se aos apóstolos, aos discípulos, mas podemos alargar o sentido desta frase. A vontade do Pai é que eu não perca nada daquilo que me deu: cada momento, cada circunstância da vida, cada provocação, cada coisa para fazer» (J. Carrón, O brilho dos olhos. O que é que nos arranca do nada?, Taprobana, Lisboa 2020, pp. 111-112). Se primeiro a forma de entrar na aula era determinada pelo pensamento de que tudo era inútil, com o tempo estas palavras começaram a tornar-se uma hipótese nova. Não aconteceram coisas extraordinárias, a não ser dar-me conta de que aconteciam e estão a acontecer coisas em que eu dantes não reparava. É assim que se constrói, mesmo nestas circunstâncias.

Carrón. Então, acontecem ou não acontecem?

Acontecem, acontecem.

Carrón. São apenas virtuais?

Não, não, acontecem, acontecem.

Carrón. Participaram na Escola de Comunidade da passada quarta-feira? Eu não estive pessoalmente com nenhum dos que intervieram, mas propu-los um a seguir ao outro devido ao choque que senti lendo os seus contributos ou ouvindo-os em Zoom. Eu não estive com o Azurmendi depois de ter visto o seu vídeo (já tinha estado com ele noutras ocasiões), e propus a todos que o vissem na Jornada de Início de Ano apenas devido ao efeito que tinha tido em mim. Dois dias antes da Escola de Comunidade tinha tido um encontro com as famílias de acolhimento e fiz com que houvesse uma intervenção para todos verem porque não me consegui levantar no dia seguinte sem me lembrar daquilo e sem o contar a quem encontrava. Do mesmo modo, pedi ao padre Pino para repetir aquilo que tinha dito na Diaconia da Fraternidade de há algumas semanas. E por aí fora, uma intervenção atrás da outra. Asseguro-te que foi exatamente assim. A mim não me interessa que errem – não me interpretem mal, não estou a fazer um sermão porque sou padre –, porque a questão é se nos deixamos corrigir tal como tu te deixaste corrigir por aquilo que acontece e como acontece. Quando, há quinze anos, começámos a fazer a Escola de Comunidade por vídeo havia quem defendesse que essa não podia ser uma modalidade adequada; agora todos a fazem assim, até aqueles que criticavam aquela escolha. Insisto que a mim não me interessa a modalidade, porque encontramos o cristianismo debaixo de uma árvore, perto de um poço, na estrada, no templo, num banquinho ou onde for. Vamos acabar com a redução do cristianismo ao “templo” tal como o imaginamos! O nome, a forma do templo podem mudar, a forma de certos gestos, que antes eram feitos de uma determinada maneira, podem mudar. Fixarmo-nos rigidamente numa determinada forma não é cristianismo! Porque desde o dia da Encarnação que o templo – a forma da presença de Deus – coincide não com alguma coisa, mas com Alguém, com a própria pessoa de Jesus, com o Seu corpo ressuscitado: «Destruí este templo, e em três dias Eu o levantarei!». Isto talvez já o soubéssemos das aulas de religião e do catecismo, se nos ficou alguma coisa na memória, mas a natureza do cristianismo só se começa a perceber se entrar nas nossas entranhas, e então libertamo-nos de todas as nossas preocupações em relação a determinadas formas estabelecidas, começando a gozar a forma como o Mistério continua a fazer acontecer o cristianismo de modo absolutamente imprevisto. Percebo muito bem o problema, porque eu fui o primeiro a ter de o aprender. Como sempre vos contei, tive de fazer este caminho porque vivia em Madrid, Giussani estava aqui em Milão e eu via-o uma vez por ano, ao longe. Eu teria gostado de ter todos os meios de ligação que agora temos à nossa disposição, a web e todos os textos ao mesmo tempo, tudo, tudo, tudo. Temos tudo, mas falta-nos tudo, como se dizia na quarta-feira na Escola de Comunidade. É um pouco uma questão “à Van Thuan”, o ponto é a geração de um Van

Thuan em cada um de nós: qualquer que seja a circunstância, ainda que lhe substituíssem constantemente os guardas, quem entra em relação com ele muda. Ponto final. É o oposto de viver no virtual ou no mundo das ideias! Nós continuamos a fazer observações que até são justas, mas são abstratas, porque não partem dos factos. Tu, pelo contrário, assim que começaste a olhar para os factos que aconteciam, libertaste-te da ideologia abstrata que tinhas na cabeça, como o Azurmendi. Todos a temos na cabeça, não é preciso escandalizarmo-nos com isso. O Azurmendi estava cheio de ideologia, tal como eu estava antes de encontrar o Movimento. Portanto, não tenho nenhum problema em reconhecer isso, disse-o desde o início, assim que cheguei a Itália: o que me salvou a vida foi ter aceitado aprender aquilo que pensava que já sabia. Por isso não quero fazer com que ninguém se irrite, simplesmente digo: é possível mudar. Não me interessa de quanto tempo precisamos para o aprender, não quero aqui avaliar ninguém, não é isso que me interessa. Digo-o para cada um de nós: se uma pessoa estiver disponível, com o tempo começa a fazer a experiência que tu estás a fazer, pelo que a realidade começa a falar-te, e aquilo que antes era só forma torna-se forma e substância, porque não há substância sem forma. Antes tinhas diante de ti uma determinada forma e não te tocava, por que é que a certa altura te toca? Talvez porque tenha deixado de ser virtual a forma de encontrar as pessoas? É virtual como dantes, mas a questão é se nós estamos diante daquilo que acontece quando nos vemos nesta modalidade à distância. Não é que agora possam acontecer menos coisas do que se estivéssemos todos presentes – caso contrário seria melhor desligar o vídeo e irmos todos dormir –, isso não é verdade e por isso aceito este modo de nos encontrarmos, senão porque iria fazer com que vocês e eu perdéssemos tempo? Isto, porém, não significa que presencialmente ou não presencialmente seja tudo igual; com efeito, diziam no início que a distância fez explodir alguma coisa que já existia e que isso vos fazia sofrer ainda mais. Agora tudo se amplificou, por isso é como se fosse ainda mais urgente a memória de Cristo, senão não sei como é que uma pessoa pode aguentar, como é que pode voltar às aulas com a esperança estampada no rosto depois de um dia do qual saiu exausta, ferida. Não aguenta, com certeza, devido a uma ginástica mental.

Estou muito grato por este ano, por estas circunstâncias, porque são para mim uma ocasião de verificação daquilo que tu nos tinhas dito no Meeting, ou seja, que uma pessoa pode entrar na aula ou com medo, ou com uma esperança. Na primeira hora de aulas deste ano a diretora ligou-se a todos os jovens e, através duma mensagem de vídeo, exortou-os dizendo precisamente: «Recomeçamos, e o que é que nos caracteriza a todos? O medo daquilo que está para começar». Este ano verifico que, com os jovens, não tenho mais nada à disposição senão a hora de aula, porque logo desde o início que fazemos as aulas online...

Carrón. Este é o único realismo.

Logo desde o início começámos a fazer as aulas à distância com metade dos alunos, por isso muitos dos das turmas novas que tenho vejo-os de vez em quando; nos anos anteriores, os momentos mais bonitos foram sempre no intervalo junto da máquina do café, na converseta, mas este ano há apenas a hora de aula.

Carrón. Fantástico! Viva a liberdade, amigos! Finalmente! Não se safarão fazendo uma réplica do que faziam antes.

A coisa que me impressionou foi que há algum tempo que nos continuas a dizer que a questão é olhar e ter disponibilidade para seguir aquilo que vemos. Tendo apenas a hora de aula, a única possibilidade que tenho de estar com eles é a aula, e estão a ser umas aulas...

Carrón. Se na aula não acontecer alguma coisa, por que teriam interesse em encontrar-se depois?

Uma rapariga pertence a uma família católica que não suporta as pessoas do Movimento. Durante uma conversa, a mãe, muito preocupada com um momento de crise que ela está a viver, diz-me: «Não pode estar com ela? Não pode falar-lhe?». A rapariga escreveu-me um mail: «Professor, eu estou impressionada com aquilo que diz nas aulas, está a provocar em mim muitas perguntas, queria poder falar consigo, podemos falar ao telefone?». Impressiona-me que estamos longe, com ligações virtuais, mas isto não retira nada à possibilidade de nos encontrarmos.

Carrón. Agradeço-te por isso. Não é que sejam só vocês a viver esta situação. De facto, quando fui ensinar numa escola da diocese de Madrid e depois no seminário – não numa escola pública ou numa situação X complicada –, não podia fazer nada, nenhuma atividade, fora da hora de aula, tendo todos os refletores apontados contra mim porque era de CL. Mas eu apreendi isto como a minha grande oportunidade de vencer o dualismo, porque se não passava tudo através do momento da aula, o que quer que tivesse acrescentado depois teria sido como um chapéu colocado na cabeça a partir de fora. Isto não significa que, quando se pode fazer alguma coisa, não se faça, atenção! Não digo que então não devemos fazer mais nada fora da hora de aula. Digo apenas que é ali, na aula, que tu encontras todos, também aqueles que nunca terias podido encontrar fora com as tuas iniciativas extra curriculares. Como aquela rapariga: nunca teria vindo ter contigo se não estivesse na tua aula. E precisamente porque não o escolheu, encontra-te à sua frente e por isso tem de acertar contas com a tua presença irreduzível à sua ideologia anti-celina; e assim pudeste dar-lhe um contributo sem restringir a sua liberdade ou a da sua mãe. Isto significa que tu não podes fazer nada de forma assética, ou seja, sem te apresentares enquanto pessoa. O professor assético, neutro, não existe senão na imaginação de alguns; tu apresentas-te como alguém que vive, tudo o resto é uma abstração. Explicando qualquer matéria (não sei o que é que ensinas), passa um olhar. É o que estudamos na Escola de Comunidade: o conhecimento é um olhar. Ora, ao ensinar tu revelas se o teu olhar nasce dum coisa que te aconteceu ou das tuas análises segundo determinados princípios, ou seja, dum universo abstrato em vez de um acontecimento. Aquilo que mudou o Azurmendi foi um programa na rádio: tudo o resto não teria acontecido, nem se teria interessado pelo Movimento se não tivesse havido aquele primeiro choque. Se, em vez de continuar a ouvir na rádio aquela coisa que o impressionava, tivesse mudado de estação, tudo teria acabado ali! Não teria havido o Javier, o Macario e todos os outros; não teria acontecido nada daquilo que ele contou no vídeo e no livro. É como se João e André não tivessem estado ali naquela tarde. Ou o cego de nascença não tivesse estado na esquina da rua naquele dia. É assim! É o método de Deus que nos espanta. Como se tu não tivesses olhado para aquela rapariga e para aquela mãe como olhaste. Como quem faz um Batismo e se comporta como um funcionário em vez de fazer um encontro. Não é diferente: uma pessoa vai trabalhar, outro faz um Batismo, o outro faz um sermão, o outro é porteiro e outro ainda é prisioneiro como Van Thuan. Não há diferença. É como se isto nos reconduzisse ao núcleo. É isto o cristianismo: o embate numa diferença que pode passar até através do Zoom. E não é que se não houvesse Zoom passaria uma diferença mesmo assim; não passaria nada, ou seja, passaria o nada. Não digo isto para vos recriminar, mas para nos libertar. Dar-mos conta disto é mesmo uma libertação dos nossos esquematismos que nos desencorajariam. Se de manhã uma pessoa pensa: «Agora não posso fazer nada, é impossível nesta situação», está já derrotada antes de entrar no Zoom, está derrotada antes de começar, com a cabeça bloqueada. E traz isso estampado na cara. Portanto, o que é que esta situação nos pode oferecer para crescer? Não nos lamentemos! O Mistério poderia ter encontrado outra modalidade, poupando-nos ao vírus. Mas não nos poupou a ele. Isto é a coisa mais evidente, como dizia Giussani: as circunstâncias inevitáveis são as mais claras – por isso é inútil lamentarmo-nos –, não fomos nós que as escolhemos; e tenho a certeza de que ninguém teria escolhido esta modalidade online para desenvolver a sua profissão e para ir ao encontro dos jovens.

Queria contar uma coisa muito simples que me fez perceber melhor o que quer dizer que a educação é uma comunicação de si próprio. Dou uma aula online, abro o Classroom e vejo que só seis em vinte e cinco tinham entregado o trabalho, bastante desanimador. Tinha cumprimentado os alunos, mas vendo isto digo: «Oiçam, percebo que neste momento talvez quisessem fazer outra coisa, ter as vossas aulas de instrumentos presencialmente, poderem ir à escola; também eu queria fazer outra coisa, gostava tanto de ir para a escola de bicicleta». Entretanto vejo que tinham todos um ar de mood, deprimidos, por isso disse: «Mas nós somos mais do que o mood com que acordamos».

Carrón. Perfeito!

E acrescentei: «Às vezes, porém, para nos darmos conta deste facto, ou seja, que nós somos mais do que isso, é preciso simplesmente aceitar a realidade tal como ela é, por isso a aula de instrumento online ou o trabalho de física». Eles olhavam para mim, talvez até estivessem bastante contentes por

eu estar a dizer isto, mas eu dava-me conta de que não tinha tocado no ponto. Então a certa altura disse: «Olhem que eu não estou a dizer-vos isto porque quero que façam o meu trabalho de física, não morrem sem isso, vão viver muito bem na mesma, mas digo-vos isto porque a realidade nunca me traiu». Assim que disse esta frase vi as caras deles mudarem. Agradeceram-me e demos a aula. Eu pensava para comigo: «Depois disto, na próxima vez farão o trabalho», mas parei e disse a mim mesma: «Mas o que é que isso me interessa? Até podem não fazer o trabalho, mas isto aconteceu». Ao dizer: «A realidade nunca me traiu», de todas as vezes em que encarei a realidade tal como ela era, descobri alguma coisa de mim que me entusiasmou, descobri coisas grandes. Foi este dar testemunho que tocou o coração deles, o seu ponto inflamado, e mudou o seu olhar. Enquanto acontecia isto, dei-me conta da questão do testemunho e da comunicação de si.

Carrón. Pergunto-te: isso pode ficar ao nível do sentimento?

Não.

Carrón. Perfeito!

Dei-me conta de que não era uma questão sentimental, não houve nada de sentimental naquele momento, neles não provocou nenhuma reação sentimental.

Carrón. Mas a cara deles mudou.

A cara deles mudou. E ainda que na vez seguinte nem todos tivessem feito o trabalho, eu dei-me conta de que esta comunicação de si próprio é a educação, e paradoxalmente representa a possibilidade de que aos poucos façam o trabalho.

Carrón. Perfeito.

Ao contrário, é como se muitas vezes eu pensasse o contrário: não fazem os trabalhos, então... Mas daquela vez disse para comigo: não, não é assim, mas então o que é que há antes? Por que razão não fazem os trabalhos? Ainda que estejam a milhas, tu percebes a unidade. Eu apercebo-me de que quando dou o trabalho com este «então...» dentro, para eles está muito distante. Então digo: se nunca me envolvo a este ponto contigo, como é que posso esperar que tu faças o trabalho? É claro que é a minha profissão, eu desejo que eles façam o trabalho e que descubram a beleza que eu descobri, mas dei-me conta de que mesmo que não tenham feito o trabalho, aquele facto tinha ainda assim acontecido e para eles será como para mim: é preciso que aconteça sabe-se lá quantos milhares de vezes para que me mude moralmente, não sei como dizer isto.

Carrón. Para que te mude moralmente. O Mistério plantou uma semente neles, quanto tempo será necessário para que esta semente floresça, veremos. Mas tu – antes – descobriste que eles não estão reduzidos a um nível sentimental, e que quando se reduzem ao nível sentimental é porque não encontram ninguém que toque as fibras mais íntimas do seu ser. Os jovens não têm culpa disso, e nós talvez também não; acontecerá quando acontecer. O ponto é este: por que é que lhes disseste aquela frase, convicta de que tocavas o seu ponto inflamado? Porque tinha sido verdadeira para ti e por isso disseste-a com convicção, independentemente do que eles fariam dela, porque era verdadeira mesmo sem eles a acolherem. Isto tornava-te livre do resultado, do facto de que fizessem ou não o trabalho, porque aquilo que tu viste nas suas caras é mais do que aquilo que poderás medir no dia seguinte. Por quê? Porque não é uma medida que irá fazer a diferença, mas um acontecimento que depois precisa de todo o tempo necessário, um início que abraça toda a trajetória da certeza, como diz a Escola de Comunidade. E se aconteceu com os apóstolos, como diz repetidamente o Evangelho: «E acreditaram n'Ele», «E acreditaram n'Ele», «E acreditaram n'Ele», quantas vezes terá de acontecer para que ganhe corpo neles, tal como em ti? Para não te desencorajares basta que tu tenhas consciência de ti e olhes para eles com o mesmo olhar com que alguém te olhou quando não conseguias, quando te ias queixar porque não conseguias e essa pessoa voltava a olhar para ti como tu olhaste para eles. Aconteceu já tudo na mudança inicial, quando pronunciamos o mítico «Eureka!». Surgiu um conhecimento novo porque aconteceu alguma coisa, vemos isso pelas caras. E não aconteceu se não o posso ver nas caras. «Perceberam?», dizia eu aos meus alunos depois duma aula. «Sim» respondiam. E eu: «Não, não perceberam, pela vossa cara vê-se que não perceberam». Quando uma pessoa percebe, tens de ver isso pela sua cara, como tu viste nos teus alunos. Não é que depois tu tenhas de medir todas as vezes que não o vês; não vamos voltar à velha rotina, queixando-nos!

Por isso o trabalho mais importante é esta maneira de responder à realidade porque, como tu dizias, a realidade nunca nos trai; somos introduzidos constantemente a este trabalho pela realidade, qualquer que seja a realidade. Antes usaste uma palavra: envolvimento. Uma presença envolvida com aquilo que diz, era assim que *don* Giussani falava da autoridade; não uma pessoa que fala de cátedra, desligado, mas uma pessoa envolvida com aquilo que diz. É uma oportunidade fantástica, amigos! Não acabei de vos contar a minha experiência de ensino no seminário de Madrid: podiam proibir-me de falar com os meus alunos assim que estivesse um milímetro fora da sala de aulas, mas não conseguiam impedir que no dia seguinte, na sala de jantar, se falasse da aula, porque ali todas as proibições iam ao ar! Não há nenhuma situação em que isto não possa acontecer. Não o digo para os outros, mas para nós, para não nos desencorajarmos antes de entrar na aula. Tu olhaste para os teus alunos dizendo a cada um deles: «Tu é mais do que o teu *mood*». É esta a convicção de uma pessoa que tem consciência de si, que não se reduz ao seu próprio *mood*. E isso não é pouco. Obrigado. Boa continuação.

Barberis. Queria agradecer-vos muito. Fechamos com uma oração, para confiar a Nossa Senhora a riqueza que vivemos e a paternidade que mais uma vez experimentámos.

Memorare